

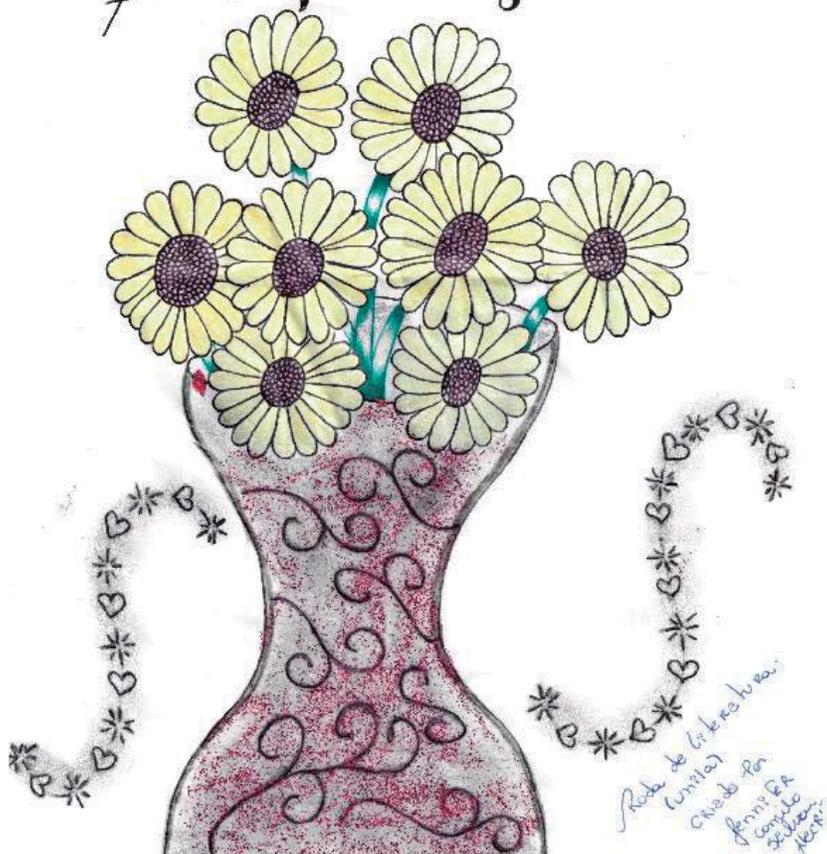


Direito à poesia

Antologia Escritoras da
VFF - 2021



Que dejamos como girasoles
De costas para oscuro
De frente para luz...



Deixamos abaixo o nome dos integrantes do grupo que desenvolveu o trabalho junto às autoras:

Alexandre Trindade

Anderson Alves dos Santos

Cristiane Checchia

Diego Oliveira Silva

Jhenifer Rodrigues de Almeida

Layra Fabian Borba Rodrigues

Mário René Rodrigues Torres

Regiane Cristina Tonatto

Agradecemos ao acompanhamento e às sugestões de José Ignácio Monteagudo Robledo.

O projeto não teria sido possível sem o apoio de Claudia Grignet Fardoski Souto, Diretora da Penitenciária Feminina de Foz do Iguaçu, e da pedagoga da unidade, Josiane Kojo.

Sumário

APRESENTAÇÃO	4
Direito à Poesia	
Medos	6
Cicatrizes	6
Ketelyn do Carmo Silva	
Minha grande carta de amor	7
Rosângela da Rosa Alves	
Estou só	8
Bruna de Lima Andriana Barbosa da Silva	
Vento no rosto	14
Rosimar Dias dos Santos	
O vento levou...	12
Lúcia Alves Coelho	
O Vento com Daniel	14
Lúcia Alves Coelho	
Medo	16
Jesana Cantidio dos Santos	
Só um sonho	20
Lúcia Alves Coelho	
Sonhos	21
Um vento no seu rosto traz histórias para contar	21
LMP	
Sonhos	22
Cicatrizes	22
Jennifer Camila Silva Alecrin	
Eu agora	23
Ketelyn do Carmo Silva	

APRESENTAÇÃO

Em sua carta às mulheres escritoras do terceiro mundo, Glória Anzaldúa se faz a pergunta sobre o que a levaria a escrever. A essa questão ela responde:

Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo... (ANZALDÚA, 2000, p.232).

Se pensamos com a autora que a escrita é uma forma de coragem, de seguir adiante, de revoltar-se e de criar um mundo que o mundo de fato não é, talvez tenhamos uma ideia do que pode significar a realização de uma oficina literária junto a pessoas em privação liberdade.

O livrinho que agora vocês têm em mãos foi fruto de alguns meses de trabalho do projeto *Direito à Poesia*, desenvolvido na Penitenciária Feminina de Foz do Iguaçu (PFF-UP), no ano de 2021. As restrições impostas pela pandemia de Covid-19, que impediu qualquer atividade presencial, fizeram com que os encontros semanais da oficina se dessem por meio de uma plataforma online, que conectava as mulheres na sala de computadores da unidade às/aos participantes de fora.

As limitações nesse formato são muitas: ficam muito difíceis a troca de olhares, a percepção das variações na voz; o toque e o abraço fraterno possíveis nos encontros presenciais tornam-se inviáveis; os obstáculos técnicos, como o som com ruídos e a conexão que trava são inevitáveis... Apesar disso, ao longo dos encontros, pudemos nos conhecer pouco a pouco por meio dos textos lidos, escritos, trocados e das conversas que

foram nos aproximando a cada reunião. Alguns dos temas que foram aparecendo ao longo de nossos encontros foram a escrita, a prisão, a América Latina, medos, sonhos, cartas... A música também foi um elemento importante dos encontros, e acabavam se intercalando aos textos que trocávamos. Ao final do ano, havia uma produção bastante extensa das participantes, das quais avaliamos em conjunto quais poderiam integrar essa antologia. O título e a imagem de capa foram integralmente concebidos pelas mulheres escritoras girassóis, autoras dos textos que poderão apreciar a seguir.

Enfim, caberia dizer ainda que o *Direito à Poesia* é um projeto de extensão universitária desenvolvido por docentes e discentes da UNILA (Universidade Federal da Integração Latino-Americana), na cidade de Foz do Iguaçu, e que realiza oficinas literárias nas penitenciárias da cidade desde 2015. Precisamos agradecer o apoio que recebemos por meio da Fundação Araucária que viabilizou bolsas de extensão para estudantes do projeto.

Boa leitura!

Direito à Poesia

Medos

Eu tenho muito medo de cobra, não gosto nem de olhar, e aranha também. Mas tem os medos que não são de bicho - o medo da perda, o medo que nos cerca diariamente.

O silêncio fala muito e não comete erros.

Cicatrizes

Sou feita de cicatrizes e gratidão.

Ketelyn do Carmo Silva

Minha grande carta de amor

Quando adolescente, conheci um menino que se chamava Claudino Alexandrino. Nós nos apaixonamos e, como naquela época o celular não era tão acessível como agora, escrevia lindas cartas de amor para ele, e mandava um amigo meu entregar, pois tinha vergonha de eu mesma entregar as cartas. Mas, infelizmente Claudino me traiu, e o meu orgulho falou mais alto, e não quis mais ficar com ele. O amor que eu sentia se transformou em mágoa e ressentimentos. Como nós morávamos numa cidade pequena, sempre nos víamos, mas nunca mais conversamos. Casei com outra pessoa e ele também. Cada um foi viver sua vida. Após 15 anos, nós nos reencontramos num bar, onde fui comprar cigarro. Ele estava lá, bebendo com os amigos. Quando me viu foi até o balcão e falou: “Oi, Rosângela da Rosa Alves”. Eu respondi: “Oi, Claudino Alexandrino”. Aí ele olhou bem nos meus olhos e falou: “Eu amei duas mulheres até hoje, minha mãe e você”. Eu fiquei muda, sem saber o que falar. O meu coração já estava na boca, as minhas pernas tremiam, parecia que ia me dar um treco na hora, mas engoli o nó da garganta e consegui dar um sorriso. Aí ele me disse: “Sabe aquelas cartas que você escreveu pra mim? Tem algumas guardadas ainda, estão todas amareladas, mas estão bem escondidas da minha mulher, pois algumas ela achou e rasgou, e umas eu fumei maconha nelas, com raiva de você”. Apesar de toda a raiva que senti do Claudino naquela época, hoje fico feliz que, mesmo que a gente por orgulho não tenha vivido aquele amor que sentimos um pelo outro, de alguma forma esse amor ficou registrado num pedaço de papel. Essa é minha grande carta de amor.

Rosângela da Rosa Alves

Estou só

Estou só

Não como alguém sem possibilidades de resposta

Não como uma mulher que espera

Não como alguém que agoniza

Não como a moça da seção de filme

Não como o louco

Nem como o poste da rua

Nem como a enfermeira de plantão

Nem com a mulher que espera um

telefone que não toca

Estou só

Não como uma mãe que perdeu dois filhos

Nem como o cego na escuridão

Nem como um idealista a arder

por humanidade que não corresponde

Nem como a moça feia que caminha

pelas calçadas sem que a observem

Nem como pão dormido

Nem como a morta-viva não morrida

Nem como a mulher adormecida

Nem como um enfermo só

Não estou só como a mulher
condenada a realizar o mesmo trajeto

toda a vida

Nem como a ovelha mal parida

Nem como a sobremesa não comida

Nem como a camisa velha esquecida

Estou só
Não como o calouro da unila
Nem como a varanda com a roupa estendida
Nem como a vizinha ou a própria na cozinha
Nem como a dor alheia que eu finjo ser minha

Estou só
Não como o processo na gaveta
indeferido
Nem como um animal ferido
Nem como o moralista encolhido

Não estou só
Nem como nada disso que isso
tudo é má

Estou só
porque te perdi, perdi o olhar
perdido no teu corpo mal virado
ao meu lado adormecido
E não vejo como ficar mutilada
enferma morta-viva em silêncio
permanentemente calada ao sofrimento acostumado

Estou só
por não ver a sombra do teu rosto
Nem contra, nem a favor
Muito ao contrário do meu olhar
mutilado de lágrimas

Estou só e mal acostumada comigo apenas
E sem ver teus olhos fechados

pelo seu passado em mim vingado
Mas meu amor, me responde:
Eu que não tinha um lado
e ganhei de ti uma metade
como vou tentar depois de ser inteira
e plena como um justo revoltado
um muro solidamente construído
um fruto amadurecido
como vou fazer agora meu amor
para conseguir meu outro lado
se nos próximos dias não terei teu corpo estendido diante de mim

Apenas para ser olhado?

Não me deixe só

Menina enraivecida

criança malcriada

Adormecida

tão amada

tão vingada

tão querida

por uma pessoa tão contra-indicada

Há meia hora que te penso e

te vejo no balanço do passado

Não há nele,

como eu estou só

Quase nada que indique

Nem de leve,

que tu voltes a ser o meu outro lado

Estou só

Queria uma resposta

Contra ou a favor do meu olhar sem esperança.

No final dessas notas vou ficando
em paz e me perdoou por não ter sido
e me sinto obrigada a reproduzir
o bilhete que tenho diante de mim

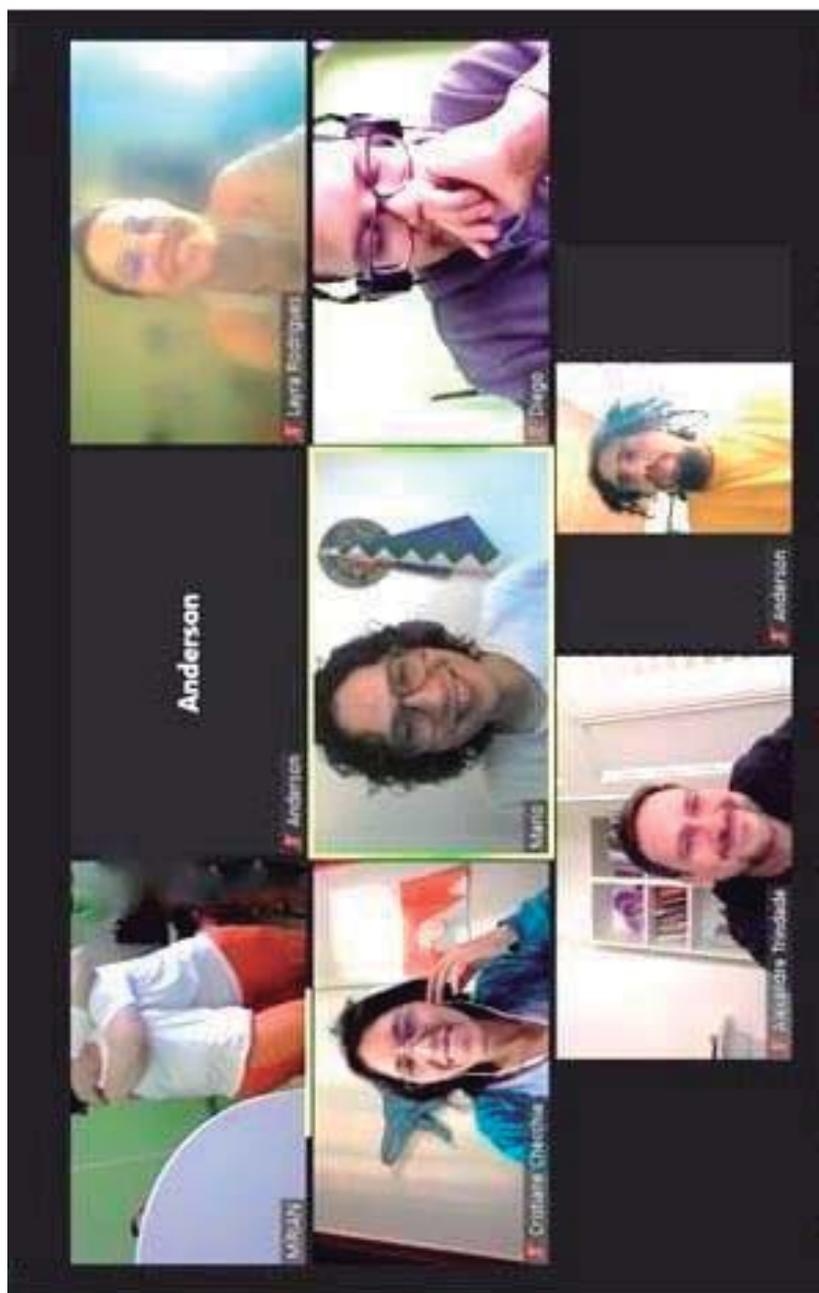
Muito obrigada por tudo
por ter te conhecido
por me fazer reviver
e ao mesmo tempo morrido
Muito obrigada por ter sido o
inesperado motivo do meu
mundo insano e insensato.

Bruna de Lima Andriana Barbosa da Silva

O vento levou...

O desenho!

Lúcia Alves Coelho



Vento no rosto

O vento, o que ele traz no seu rosto a contar hoje, todos os toques do mundo tem a textura do vento que bate em minha pele. Cada passeio do vento pelo meu rosto, pelo meu cabelo, vem recheado do cheiro de me sentir livre. Cada raio de sol que vem com o vento batendo e aquecendo todo o meu rosto e fazendo meus cabelos voarem. Que sensação boa sentir o vento envolvendo todo o meu ser. Este vento que percorre o meu corpo e tudo parece pouco e pequeno diante da imensidão de sentimentos que o vento traz. Meus passos já não são pesados, mas carregados de um vento de uma leveza sem fim.

Eu percorro o caminho desconhecido que o vento traz com a tranquilidade de uma criança tomando um sorvete. Queria nunca me esquecer de como minha pele ficou intensamente sensível depois que o vento com seu simples sopro que me tocou, parecia que o vento me acariciava. É como se cada pedaço da minha superfície dessa parte indefinível chamada pele, agora estivesse muito mais preparada para absorver o mundo. Banho-me no vento e sinto ele me banhar com o seu frescor, sinto ele tocar em meus olhos, o meu rosto, o meu corpo inteiro e saio dele purificada, renovada. Há milênios busco esta força leve, certa, imprevisível com o vento. Sei apenas que quero senti-lo de novo batendo em meu rosto como alguém que encontra um abrigo seguro depois de uma longa jornada.

Rosimar Dias Dos Santos

O Vento com Daniel

A cada minuto que passava, o sol se recolhia e retornava a sua morada.

De longe eu observava o mar sussurrar em meu ouvido.

A alegria que guardava em segredo.

O vento majestoso e preguiçoso acariciava o meu rosto e bagunçava o meu cabelo.

Enquanto isso eu observava apaixonada e encantada ao meu lado meu filho brincando.

E dizendo o quanto eu o amo.

Hoje me pergunto se algum dia voltarei a viver a vida que sempre sonhei.

Sair desse abismo, mar de sofrimento,

E poder abraçar quem tanto me espera.

Será que aguentarei ou sobreviverei para poder abraçar e viver junto com aqueles que ainda amo?

A cada minuto, me pergunto.

Algum dia voltarei a sentir o preguiçoso vento acariciar o meu rosto?

Lúcia Alves Coelho

Medo

A palavra medo para mim seria uma coisa que eu jamais acharia que iria compartilhar, sabe? No ano de 2012 convivi com isso quando engravidei do meu segundo filho Deivid, pois como tenho uma saúde que não ajuda muito e faço tratamento da diabetes, tomo seis qualidades de remédio e não planejei ficar grávida, pois estava separada há 13 anos do pai da minha filha, então, eu pensei, não vai ser tão cedo que vou ter outro filho.

Mas em julho de 2012 eu engravidei por uma recaída que tive com meu ex-marido. Quando isso aconteceu eu estava bem frágil, qualquer coisa era motivo de choro. Por um tempo tentei esconder minha gravidez, até os 4 meses, mas não deu muito certo, pois eu ficava mais no hospital do que em casa. Um certo dia, lembro como se fosse hoje, 10 dezembro de 2012, fui internada às pressas no hospital HU, em Cascavel, com a minha diabete que nem media de tão alta e que, para ajudar, atacou meu rim. E eu medrosa como sou, já imaginava o pior, que eu perderia meu filho sem saber se era menino ou menina. O medo era constante. Fiquei internada por 9 dias e os medicamentos que eu tomava pouco estavam me adiantando. Os médicos viam que eu estava com medo cada vez que vinham me furar para eu tomar antibiótico, então eles resolveram amenizar meu medo e falaram que não tinham mais onde aplicar o medicamento, pois minhas veias estouraram. Então, não tinha outra saída a não ser pegar a jugular no pescoço. Dr. José e Dra. Maria Rita marcaram para me furar às 23 horas do dia 20 de dezembro, mas o meu medo foi tanto que resolvi e tomei uma decisão: fugir do hospital, embora o medo persistisse e ainda que as consequências não seriam das boas, mesmo assim o fiz, e foi a coisa mais sem noção que fiz. Esperei os médicos saírem para jantar, entrei na enfermaria e peguei a minha carteira de pré-natal, meus ultrassons e

meus exames, desci uma escada com muita dor, arranquei o soro do braço e chamei um mototáxi para me levar até minha cidade onde morava, que dava 90 km de moto. As minhas dores aumentavam e o medo maior era chegar na minha casa, pois meu ex-marido me cuidava como se fosse um bebê. Como contar que eu fugi do hospital, até porque eu iria precisar dele para pagar o mototáxi?

Às 1:30 da manhã cheguei na minha [casa], bati na porta. O medo era imenso, mas fiz. Quando meu ex-marido abriu a porta e se deparou comigo, ele se espantou pelo fato de eu ter chegado de mototáxi. Ele não hesitou e já me perguntou com voz de deboche:

- Ganhou alta, encrenca?

Respondi a ele “não, fugi do hospital mesmo. E antes de me xingar paga o mototáxi”. Então ele me respondeu:

- Como sabe que tenho dinheiro?

Falei que sabia que era o pagamento dele.

Do dia 21 de dezembro até o dia 29 de dezembro de 2012, foram os medos mais intensos da minha vida, pois comia tudo que vinha pela frente. Até bolo de velório me deu vontade de comer, pois tinha falecido um colega nosso que morava na esquina da minha casa e tinha bolo; fiz meu ex-marido ir lá pegar para mim, sem falar que fiz ele pedir para o dono de uma padaria atender ele meia-noite para eu comer pudinho. Mesmo eu separada, ele cuidava de mim e eu sentia medo de ficar sozinha em casa e acontecer alguma coisa comigo ou com meu filho.

No dia 27 de dezembro limpei toda minha casa, lavei roupa e os médicos ligavam no meu celular sem cessar, pois teria tomado as injeções para amadurecer os pulmões do meu bebê caso ele nascesse prematuro. Mas eu quando atendia o telefone que sabia que era eles, eu

falava que iria passar o recado para ela que no caso seria eu, mas eu tava mesmo era com muito medo de acontecer o pior, mas eu já tinha feito.

No dia 28 de dezembro de 2012, meu ex-marido foi trabalhar, pois como ele era boiadeiro ele precisava arrumar os cavalos e os touros para ter rodeio. Eu me despedi dele e falei que iria numa feira comprar queijo. Ele resolveu me deixar a chave e falou para mim “vai de carro, pois tá muito calor e você parece uma pata, andando vai chegar amanhã”. “Ok”, disse a ele.

Mais tarde me arrumei e saí, fui à feira. Mais uma vez me esbanjei com doce, goiabada, pastel, suco e tudo que eu achava que tinha direito. Comprei umas coisas e voltei para casa como se não tivesse acontecido nada. Abri a porta de casa, fui até a geladeira, peguei uma garrafa de água, tomei e deitei no sofá para descansar.

Perto das 21 horas do dia 29, meu ex-marido não tinha chegado ainda, então fui tomar um banho, quando senti uma pequena dor nas costas, mas eu achei que era normal, até porque estava de apenas cinco meses e 20 dias de gestação. Tomei meu banho e resolvi fazer um telefonema para saber se meu ex-marido viria para casa ou não. Ao ligar para ele, ele atendeu e falou que estava chegando, então dei um suspiro e pensei “graças a Deus”. Mesmo nós não estando juntos, ele fazia parte da minha vida.

Quando ele chegou foi reto tomar banho, pois o cansaço tava tomando conta. Então ele jantou e falou para mim que iria dormir, pois no outro dia ele teria que acordar cedo para trabalhar. Então dei boa noite e fui para meu quarto. Então, as dores começaram a aumentar, o medo foi constante, as dores persistindo, mas fui dura na queda. Eu e meu ex-marido dormíamos em quartos separados, mas resolvi avisar ele. Enquanto batia na porta do quarto para avisar ele que não estava bem, que sentia muita dor, ele começou a rir e disse para parar de brincadeira que não tava na hora do Deivid nascer. Fiquei brava e disse a ele

“primeiro você nem sabe se é menino e já tá colocando nome e, por segundo, não estou brincando”.

Então ele resolveu deitar no meu quarto com medo de acontecer o pior e foi exatamente o que aconteceu: a bolsa rompeu e ele se desesperou. Me arrumei na maior tranquilidade enquanto ele preparava o carro para me levar até o hospital.

Jesana Cantidio Dos Santos

Só um sonho

muitos gritos
a escuridão tomava conta
um labirinto sem fim
o desespero tomou conta
em uma sala havia uma
um canto
no canto uma mulher
fui me aproximando
enfim cheguei
bem próxima
ao olhar aquela mulher
vi nos olhos dela
a minha pessoa.
Ainda não me recuperei.

Lúcia Alves Coelho

Sonhos

Eu já sonhei várias vezes que estou voando. Algumas destas vezes eu me vejo dormindo, vejo o meu corpo sobre a cama e aí começo a me distanciar do meu corpo. É uma sensação muito boa. O único problema de quando tenho este sonho é que não quero mais voltar para meu corpo. É uma liberdade que sinto que a única vontade é a de continuar indo, indo e indo para onde não sei, mas não me importa só quero ir sem medo do que vou encontrar. Mas, quando acordo, fico triste, pois vejo que só foi mais um sonho bom com gosto de paz e liberdade.

Um vento no seu rosto traz histórias para contar

Como já diz o velho ditado: só damos valor a algo, quando perdemos. Então esta história é bem verdade. Neste lugar sentimos falta de tantas coisas que basta olharmos para o céu e ver qualquer movimento, [e] lá vem a saudade. Basta sentirmos um vento nos tocando, já lembramos de como era bom sair para a rua e sentir aquele ventinho no rosto, nos cabelos e já vinha a reclamação "este vento está bagunçando meus cabelos", ou "este vento vai levantar meu vestido", mas, agora, quanta falta sinto desse ventinho. Quantas lembranças me passam pela cabeça quando sinto este simples ventinho abençoado.

LMP

Sonhos

Essa noite, não sei por que, mas deve ser porque por esses dias ando pensando muito em meu pai e em meu filho, acabei sonhando que eu fui para casa e achei na estante uma foto do meu pai e do meu filho, e acabei pegando para trazer a mesma de novo para cadeia.

Cicatrizes

Tenho comigo uma cicatriz que muito amo, que é a da minha cesárea, pois não existe amor maior a não ser o amor de mãe... e isso jamais desmerecendo ou desfazendo das minhas cicatrizes invisíveis ou até mesmo das minhas visíveis que são minhas 9 tatuagens. Mas de todas as que tenho meu orgulho maior é a cicatriz da minha cesárea.

Jennifer Camila Silva Alecrin

Eu agora

Hoje, olhando esse caderno, percebi que aprendi muitas coisas que antes eu achava que não gostava, só achava, percebi que não são todas as coisas que gosto de ler, não são quaisquer tipos de coisas que gosto de fazer. Estranho, né? No começo dessas aulas achei que não iria gostar porque tinha que escrever, pensava eu que também não gostava de escrever. Me enganei, me descobri, não sou muito de ler nem de compartilhar o que escrevo. No começo eram coisas banais, sem muito sentido. Hoje já não é mais assim. Eu acho né? Essas aulas me ajudaram muito a entender muita coisa, a aprender coisas que eu não sabia que podia fazer e falar. Descobri muita coisa que gosto de fazer. Hoje, eu realmente posso falar quem sou eu. Gratidão.

Ketelyn do Carmo Silva



**FUNDAÇÃO
ARAUCARIA**
Apoio ao Desenvolvimento Científico
e Tecnológico do Paraná